



A história dos brinquedos na antiguidade clássica

João Amado

Universidade de Coimbra
(joaoamado@fpce.ul.pt)

Muitos dos jogos e brinquedos populares —e artesanais— que chegaram até aos nossos dias têm origens remotas; de facto o brinquedo não tem fronteiras geográficas nem cronológicas, como disse o estudioso galego Lorenzo Fernández (1952, 1992).

Podemos afirmar que a maior parte das tradições, neste campo da actividade lúdica, são fruto de uma longa herança de séculos, hoje em risco de ser posta de parte. A documentação iconográfica, escrita e arqueológica é, mesmo para os períodos greco-romano, muito vasta.

De facto, sobre os jogos da infância e da juventude, e os prazeres próprios destas idades —*ludus aetati*, *ludus parvulorum*— os testemunhos são muitos mas aparecem dispersos e abrangendo um período que vai desde Homero até, pelo menos, S. Agostinho, passando por autores como Platão, Sócrates, Ovídio, Marcial, Macróbio, Séneca, Horácio, etc. A variedade e riqueza destes testemunhos é suficiente para no dar uma ideia razoável deste aspecto da história da vida quotidiana da época, como o faremos ver, sucintamente, ao longo da nossa exposição.

A completar a información escrita surge a iconografía grega e romana, também ela variada e significativa, inscrevendo-se nos mais variados suportes, como nos vasos gregos do século V antes de Cristo, nos mármores dos sarcófagos infantis, no espólio do interior dos próprios túmulos infantis, nos frescos de Pompeia, nos mosaicos encontrados, a Oriente e a Ocidente, por todo império.

Naquelas épocas, como hoje, as crianças observavam a vida dos adultos, em todas as suas esferas, e procuravam recriá-la e imitá-la a seu modo, através de jogos e brincadeiras. Platão (Leis, I, p.643) considera, até, que o espírito de imitação das crianças deve ser estimulado e explorado pedagogicamente. E não resisto a transcrever as célebres considerações de Séneca (4^o.C-65 d.C.) que colocam em paralelo as actividades lúdicas das crianças e as actividades ditas sérias dos adultos: *não podemos dizer que haja a menor diferença entre os nossos adultos e as crianças; estas cobiçam os ossinhos, as nozes e uns arcos; aqueles nutrem amor pelo ouro, pela prata e pelas cidades (...). Portanto, crianças e homens avançados na idade conhecem os mesmos erros, mas por perdas diferentes e mais importantes* (Séneca, Da Constância do Sábio, 12, 2).

O que este testemunho demonstra é uma surpreendente continuidade e identidade da alma humana – ontem como hoje, somos pouco diferentes!... E perante a referência a tão diversas práticas lúdicas –os ossinhos, as nozes, os arcos...- encontramos um bom pretexto para a uma pesquisa que não ponha de lado este filão histórico e documental.

A oferta de brinquedos às crianças está documentada na literatura. Segundo Plauto (230 a.C. - 180 a.C.), na sua obra *Rudens* (IV, 4,110) as crianças

gregas recebiam as prendas do primeiro olhar; recebiam-nas também no dia em que lhes era dado o nome, no dia de aniversário -*dies natalis*-, no primeiro dia do ano e no dia 17 de Dezembro, festa das Saturnálias -*Ludi saturnales*-.

Os rapazes deixavam de brincar com os seus brinquedos, aos 17 anos, quando vestiam a toga viril. Entre os gregos era costume consagrarem, nesta idade, os brinquedos a uma divindade, em especial a Diana e a Venus (Persio, II, 70).

E entre os romanos dizia-se que os meninos estavam a *deixar as nozes* —*nucis relinquere*— tal era o fascínio das crianças e jovens romanos pelos jogos com nozes!

Também se pode estabelecer-se, com base nos testemunhos, uma relação entre os brinquedos usados naquelas épocas e as diferentes fases de desenvolvimento psicomotor da criança: num primeiro tempo, tratava-se de despertar e de captar a atenção dos mais pequenos agitando diante deles *relas*, figurinos cheios de seixos ou *guizos* cuja forma em nada difere dos preconizados hoje por qualquer manual de puericultura. Um pouco mais tarde, quando o bebé já anda, puxa atrás de si *animais de madeira ou de barro* colocados sobre rodas. Em seguida atrelará *animais vivos a carroças miniatura* (Fry, 1995).

Seria interessante fazer a descrição de muitos jogos, brinquedos e brincadeiras cujos testemunhos chegaram aos nossos dias, alguns já referidos na primeira parte deste texto. Na impossibilidade de o fazer, devido aos constrangimentos da publicação, invocamos alguns exemplos utilizando as categorias que temos utilizado desde há alguns anos no inventário, descrição, história e interpretação destes materiais e destas práticas (Amado, 2007). Vejamos.

Adornos e adereços.

Testemunhos e registos vários dão conta do costume de enfeitar a cabeça e o pescoço com grinaldas -*lemniscus*- e colares de folhas, de flores e de frutos silvestres -*monile baccatum*-.

Brinquedos sonoros e musicais.

Eram comuns vários instrumentos de cana (Plínio, *História Natural*, XVI, 66) que chegaram aos nossos dias, destacando-se nos registos iconográficos a *flauta de pã* -*syrix*- e o *crotaalum*, uma espécie de rela de cana (Aristófanis, *Núvens*, 260). Neste conjunto não podemos deixar de falar do *rhombus*, (fig. 1) conhecido ainda hoje por muitas designações, tais como zoadeira, fungona, funga- cuja prática pelas jovens recém-casadas, acompanhada por certas orações, prevenia a infidelidade dos seus maridos!.

Bonecas, bonecos e acessórios.

Chegaram aos nossos dias muitos testemunhos arqueológicos -em especial na decoração e nos espólio de sarcófagos infantis- da utilização lúdica de bonecas e bonecos de todo o tipo de material.

Representações de animais.

Aristófanis, em *As Núvens*, apresenta Filípedes como um jovem tão habilidoso que já em



Fig. 1 - Cupido com Rhombus . Época romana.



Fig. 2 – Ganimedes correndo con arco (Sé. V a.C.)



Fig. 3 – Juego do plano inclinado, con nozes.

criança das cascas de romãs fazia rãs que era un encanto vélo. Infelizmente, estes materiais non chegaron até nós; ficaram, porém os de terra-cota, osso e bronce para atestar una práctica muito mais generalizada, por certo.

Miniaturas de utensílios domésticos.

No espólio do Museo de Conímbriga (Portugal) encontra-se un conxunto de miniaturas de louças de barro: un pucarinho, dúas tigelinhas e una lucerna-que, supostamente, serían brinquedos deste tipo e muito vulgares entre as criançás.

Miniaturas de enghenos e alfaias agrícolas.

Construir pequenos carros — *plostellum*— e atrelá-los a ratos era, para Horácio (*Sátires*, II, 3, 247), una das varias prácticas infantís impróprias para adulto.

Construções e ofícios.

Séneca, na continuidade da citação que acima fizemos, regista que as criançás *constroem nas praias, simulacros de casas com montes de areia...*, e já, muito antes, Homero (*Ilíada*, XV, 363) considerava que Aquiles e seus homens destruía as muralhas de Troia tão facilmente como as criançás destroem as suas construcións na areia.

Transportes.

Cavalgar num *cavalo de pau* — *equitare in arundine*— foi una práctica que mereceu muitos testemuños literários e iconográficos. São muitos também os testemuños sobre o *baloíço*, em torno do qual se criaram belas histórias mitolóxicas (Polux, IV, 7,55). No entanto, muito mais variedade de testemuños vamos encontrar a propósito de *correr con o arco* — *trochus*—. Esta era a brincadeira quotidiana de Ganimedes (fig. 2), a criançá humana que vivía con os deuses no Olimpo. Na época romana, *correr con o arco* era una brincadeira muito popular, practicada até pelos adultos (Horácio, *Ars poetica*, 380; Ovídio, *Trístia*, II, 485).

Armas.

Segundo varios testemuños, na época romana era muito vulgar o juego designado por *basilinda*, em que una das criançás imitava o rei e os restantes eram seus servos e seus soldados armados con imitações miniaturais da panóplia do seu tempo.

Quebra-cabeças.

Incluímos nesta categoría que encerra os materiais de varios jogos que implican, simultaneamente, alguna destreza manual e intelectual. Exemplificamos

con o *himantelimus*, que consistía em desenvencilhar un nó numas correias, lembrando a lenda do nó górdio.

Materiais de jogos infantís.

Há que recordar aquí o pião — *turbus*—, praticado entre gregos e romanos, a bola — *pila*—, o saltar à corda, o juego das pedrinhas — *pentha litha*, na Grécia e *talus* em Roma—, e os diversos jogos semelhantes aos jogos do berlinda —vide Poema *Nux*, na *Arte de Amar*, de Ovídeo— mas practicados con nozes, bugalhos e avelás (fig.3).

Fantásias.

Teócrito (XXV, 247), por exemplo, describe un pastor arrebetando folhas de papoila em cima da mão para tirar, do estallo, a certeza de que era querido pela sua amada.

Culinária infantil.

Tal como hoje, as criançás experimentavam o sabor de ervas, flores e frutos silvestres. Recordo que o medronho era conhecido como *arbustus unedo* —de *unidade*—, como que para advertir sobretudo as criançás no sentido de que só deberían comer un... já que comer demais provoca embriaguez!

Enfim, o espaço non nos permite mais desenvolvementos. Demos

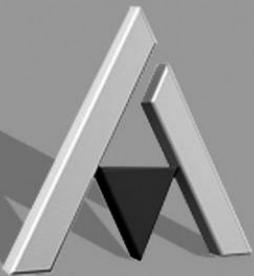
apenas umas notas suficientes para demostrar a raíz histórica de todo un patrimonio infantil e da humanidade que chegou aos nosos días, baseado num paradigma que fazia do ar livre, do contacto com natureza e na actividade en cooperación com os outros, a súa principal característica. Sem querer demonizar as novas tecnoloxías e o novo paradigma que elas suportan, creio que continua a ser necesario permitir à criançá o contacto estimulante com a natureza; de contrario corremos o risco de matar a infâncía que todos debemos manter em nós. Neste enquadramento não resisto à tentação de invocar o desfecho

trágico da relação entre Dédalo e seu sobrinho Talo, a mitológica criança que inventou a roda de oleiro, o serrote e o compasso. Dédalo, enraivecido e cego de inveja por pensar que o engenho do jovem sobrinho ofuscava a súa fama, empurrou-o mortalmente para um despenhadeiro junto do templo da deusa Atena. Este acto terrível, o assassinio da criança, nunca mais há-se dar sossego e sorte ao seu autor!...■

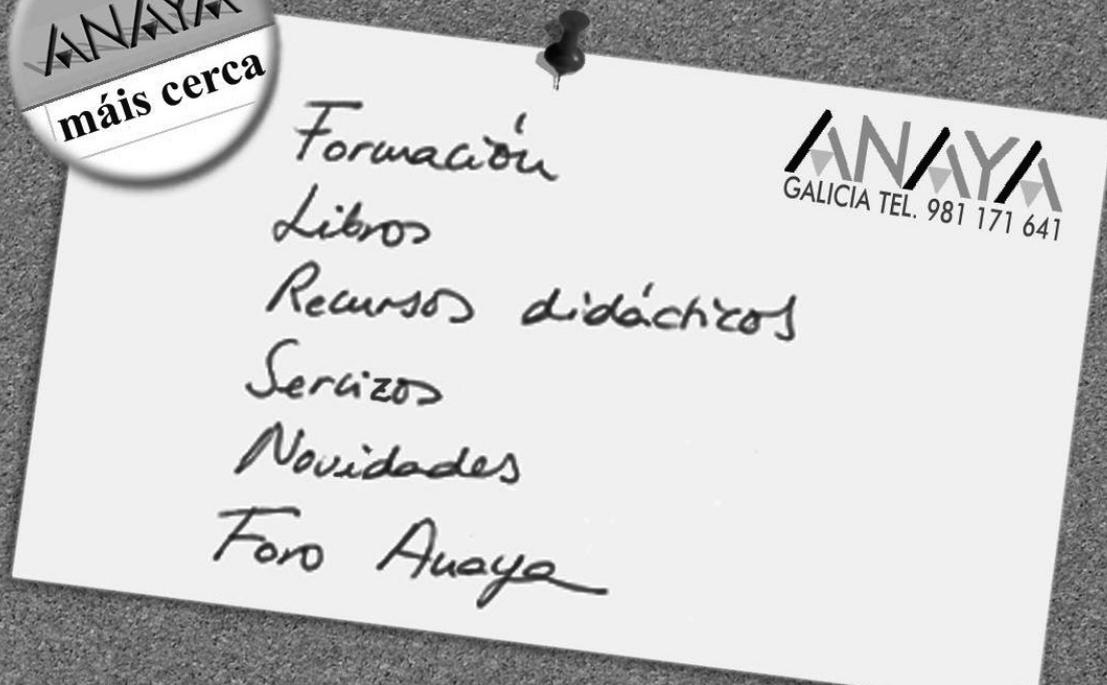
BIBLIOGRAFÍA

- AMADO, J. (2007). *Universo dos Brinquedos Populares*. Quarteto: Coimbra.
- FRY, C. (1995). *Pédagogie Archéologique: l'enfance antique. Education et Recherche*, (EdUniv. Fribourg Suisse), nº3, pp. 274-289.
- LORENZO FERNÁNDEZ, X. (1992) (1958ª). *Enredos*. Alicerces, nº 2. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego.

PUBLICIDADE



www.anayamascerca.com



O sitio en Internet de Anaya Educación
para o profesorado